

NARRATIVAS CULTURAIS DOS SERTÕES: ATUAÇÃO DOS INTELLECTUAIS NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS HISTORIOGRÁFICAS PIAUIENSES NA EMERGÊNCIA DO SÉCULO XX

CULTURAL NARRATIVES OF SERTÕES: ACTING OF
THE INTELLECTUALS IN THE CONSTRUCTION OF
HISTORIOGRAPHIC NARRATIVES PIAUIENSES IN
THE EMERGENCY OF CENTURY XX

Francisco de Assis de Sousa Nascimento¹

Universidade Federal do Piauí – UFPI Centro de Ciências Humanas e
Letras – CCHL, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História
do Brasil - Campus Universitário Petrônio Portella - Bairro Ininga -
Teresina – Piauí. CEP 64049-550.
E-mail: franciscoufpi@gmail.com

Resumo: A narrativa analisa a produção literária dos intelectuais que escreveram e consumiram profícuo repertório de textos e imagens, contos e novelas, práticas discursivas e produções de sentido, problematizando temas sobre o sertão piauiense, os sujeitos históricos que protagonizaram fatos e experiências que erigiram formas de pensar, sentir e agir como regimes de verdade. A fundação teórica da pesquisa buscou integrar pensadores da crítica literária, antropólogos, historiadores e cientistas políticos. As principais fontes de pesquisa foram hemerográficas e literárias, que visou constituir uma representação dos sertões que foi consumida e propagada por meio da prática escriturística.

Palavras-chave: História; Literatura; Sertões; Piauí.

Abstract: The narrative analyzes the literary production of the intellectuals who wrote and consumed a prolific repertoire of texts and images, stories and novels, discursive practices and productions of meaning, problematizing themes about the sertão of Piauí, the historical subjects that carried out facts and experiences that erected ways of thinking, feel and act as regimes of truth. The theoretical foundation of the research sought to integrate thinkers of literary criticism, anthropologists, historians and political scientists. The main sources of research were hemerographic and literary, which aimed to constitute a representation of the sertões that was consumed and propagated through scriptural practice.

Keywords: History; Literature; Sertões; Piauí.

¹ Doutor em História Social – UFF; Pós-doutor pela PUC SP; Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI.

A análise é remissiva à construção das narrativas culturais, feitas pelos intelectuais piauienses no **campo das letras**, com densa produção bibliográfica, com a criação e publicação de inúmeros jornais, almanaques, revistas, romances, contos, novelas, peças de teatro, produção de charges, artes plásticas e fotografias, no **campo da educação**, com o desenvolvimento de processos intra e intersubjetivos, que privilegiavam tanto a educação básica como o ensino superior, buscando entender de que maneira essas experiências culturais contribuíram para construção da memória coletiva no Estado do Piauí, de modo especial sobre o Sertão do Estado do Piauí.

As questões que buscamos responder são: de que maneira os intelectuais piauienses buscaram construir as narrativas de heroificação na primeira república? Por que Jovita Alves Feitosa² e Simplício Dias da Silva³, dentre outros personagens da história piauiense foram alçados à condição de heróis na história do Piauí na passagem do Império para a República? De que maneira as narrativas culturais sobre a construção do Teatro 4 de setembro, participação piauiense na Guerra do Paraguai ou na Batalha do Jenipapo passaram para a história como exemplos incorporados à memória coletiva? Como narrativas culturais produzidas pelos intelectuais contribuíram para cristalizar memórias? Como essas memórias e essas identidades no âmbito do Estado dialogam com a tentativa de pensar e relacionar-se com uma identidade nacional? Qual a relação da produção discursiva com a representação do sertão do Piauí?

No exercício de elaboração epistemológica, foram analisadas as evocações, seleção e edição das memórias; a problemática e complexa constituição de uma memória coletiva, com suas devidas ressalvas, a produção de sentidos em sua relação com as fontes históricas, metodologias de pesquisa e fundamentos teóricos que constituem, eminentemente, o trabalho dos historiadores e historiadoras na contemporaneidade.

O lugar de emissão da fala será basicamente as instituições de intelectuais do Estado do Piauí, buscando entender o processo de constituição, as intencionalidades, os projetos políticos, as ideologias vitoriosas, as características que integraram a memória coletiva, alimentada e ressignificada pelos acontecimentos históricos, protagonizados por diferentes sujeitos, seus agenciamentos e consequências.

O propósito do presente texto é demonstrar como os intelectuais piauienses elaboraram na primeira metade do século XX uma plêiade de discursos, práticas e

2 Antônia Alves Feitosa (Jovita Feitosa) nasceu na cidade de Tauá, Estado do Ceará em 08 de março de 1848. Mulata, de feições indígenas e estatura mediana, se mudou para Jaicós, região do sertão do Piauí, após a morte da mãe provocada pela cólera. Com apenas 17 anos de idade, tomou uma decisão audaciosa: cortou os cabelos, disfarçou os seios com bandagens, colocou um chapéu de vaqueiro e roupas masculinas para se alistar como voluntária do exército brasileiro na Guerra do Paraguai. Morreu no Rio de Janeiro em 09 de outubro de 1867, após desilusão amorosa, tendo cometido suicídio gravando uma adaga no peito.

3 Simplício Dias da Silva foi um rico comerciante que nasceu na Vila de São João da Parnaíba, em 02 de março de 1773, tendo estudado a formação básica em São Luís do Maranhã e estudos jurídicos em Lisboa, Portugal. Herdeu mais de 1800 escravos de seu pai Domingos Dias da Silva. No Piauí fez fortuna explorando a mão de obra escrava, produzindo e exportando carne de sol, além de outras produções locais. Atuou na política, tendo inclusive financiado o movimento de Independência do Brasil do Piauí. Morreu em 17 de setembro de 1829.

representações sobre o Estado, buscando erigir uma memória coletiva, diretamente relacionada à identidade de pertença a uma territorialidade, ao mesmo tempo em que buscava valorizar as expressões culturais, as sociabilidades, a religiosidade, como mantenedoras de um projeto ideológico vitorioso. Ou seja, como os intelectuais por meio das narrativas culturais construíram a memória coletiva no Estado do Piauí. “Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo”⁴.

Percebe-se assim um investimento na produção de narrativas culturais que fizeram parte da história local, da produção bibliográfica realizada nas academias, socializadas nas principais instituições que fomentaram a instauração das diversas formas de pensar, sentir e agir do povo piauiense, investindo especialmente, na produção discursiva nos jornais diários e semanais, nos livros, almanaques, peças teatrais, fotografias, romances, poesias, etc.

As narrativas heroicas foram produzidas em contextos de disputas pelo poder, no campo das ideias, no espaço das produções identitárias, de configuração de nomes e estruturas, indicando personagens, seus feitos, suas representações, as apropriações dos cidadãos, por meio da prática leitora dos jornais, pela divulgação em reuniões, eventos públicos e principalmente, pela educação formal praticada nas escolas.

Comunicados por um contexto histórico de transitoriedade, tensões e disputas ideológicas, no período do final do Império e começo da República, e crendo no protagonismo de Teresina como centro dinâmico e propulsor do desenvolvimento econômico, da modernização urbana e do avanço cultural, constituíram-se duas gerações de intelectuais que atuaram efetivamente na produção da memória coletiva. Dessa forma, o primeiro esforço será identificar os sujeitos que protagonizaram as tentativas de elaboração de uma memória coletiva, não que ela tenha existido de fato em sua concretude, ou que tivessem a consciência do que estavam fazendo enquanto escribas da história, mas ressaltando seus propósitos, desejos, aspirações e, especialmente, destacando suas consequências.

Foi em meio a essa problemática da ausência de produções históricas sistematizadas, acessíveis para consulta e propagação do conhecimento, que os intelectuais piauienses arrogam a si próprios o trabalho louvável de refletir e escrever sobre a história do Piauí, evocando as memórias da sua ancestralidade, dos vultos, dos acontecimentos, dos fatos marcantes, numa dimensão marcadamente tradicional. Diante de tal problema, Pierre Nora explica que:

Da explosão da história memória emerge um outro personagem, pronto a confessar, diferentemente de seus predecessores, a ligação estreita, íntima

4 HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 71.

e pessoal, que ele mantém com seu sujeito. Ou melhor, a proclamá-lo, a aprofundá-lo e a fazer. Não o obstáculo, mas a alavanca de sua compreensão. Porque esse sujeito deve tudo a sua subjetividade, sua criação, sua recriação. É ele o instrumento do metabolismo, que dá sentido à vida, a quem, em si e sem ele, não teria nem sentido, nem vida. Imaginemos uma sociedade absorvida pelo próprio sentimento de sua historicidade, ela estaria impossibilitada de produzir historiadores⁵.

Para entender o sentido proposto pelo conceito de geração, amparo-me nos postulados teóricos do antropólogo Gilberto Velho. Segundo ele a geração de agentes que fomentam a cultura de uma determinada espacialidade não é definida necessariamente por pessoas da mesma idade, mas por pessoas que participaram da experiência geracional. Desse modo, podem integrar essa mesma geração os sujeitos de idades diferentes mas que compartilharam dos objetivos do grupo, com o qual mantiveram relações de integração e relacionamento, criando o que foi denominado por Backo como uma “comunidade de sentido”.⁶

Para Gilberto Velho, os sujeitos vinculados a uma tradição “transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado etc., com passagens às vezes quase imperceptíveis. Estão na intersecção de diferentes mundos [...], em função de um código relevante para suas experiências.”⁷

Neste sentido, entendemos que na primeira geração de intelectuais destacaram-se Higino Cunha⁸, Renato Castelo Branco⁹, Abdias Neves¹⁰, Clodoaldo Freitas¹¹ dentre outros, todos oriundos da prestigiada faculdade de direito do Recife. Muitos desses sujeitos e suas práticas escriturísticas foram profundamente analisadas pela historiadora Teresinha Queiroz em sua tese de doutorado denominada *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas. Higino Cunha e as tiranias do tempo*¹². Portanto, para conhecer os sujeitos dessa geração recomendamos que recorrem à leitura da tese citada.

A narrativa dos intelectuais projetou uma relação entre campo e cidade, urbe e sertões. O sertão piauiense foi representado por intelectuais dessa primeira geração

5 NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. Pontifícia Universidade de São Paulo, 1993, p. 20

6 BACZKO, Bronislaw. Les imaginaires sociaux. Mémoires et espoirs collectifs. Paris, França: Torres, 2003, p. 54.

7 VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.17

8 Higino Cunha foi um dos literatos que atuou em diversas frentes na cultura piauiense. Foi professor, advogado e político. Nasceu em 11 de janeiro de 1858, no sítio Bacuri, no município maranhense de São José das Cajazeiras, atualmente Timon, bem próximo a Teresina, capital do Piauí. Estudou direito na Faculdade de Direito do Recife no período de 1881 a 1885. Sua atuação foi profundamente analisada pela professora Teresinha Queiroz em sua tese de Doutorado intitulada *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas e Higino Cunhas e as Tiranias do Tempo*, defendida na USP nos anos 1990.

9 Renato Pires Castelo Branco, ou apenas Renato Castelo Branco foi um advogado, escritor e publicitário brasileiro, sendo um dos fundadores das associações de Imprensa do Brasil. Sua atuação na publicidade foi amplamente estudada pelo pesquisador João Carlos Freitas Borges, tendo defendido dissertação de Mestrado sobre o personagem no programa de Pós-Graduação em História do Brasil da universidade Federal do Piauí.

10 Abdias da Costa Neves foi um escritor, político brasileiro e senador durante a República Velha, tendo atuando na educação piauiense, na maçonaria, no jornalismo, inclusive com forte oposição aos clericais. Sua atuação pública foi analisada pela Professora Áurea da Paz Pinheiro em sua tese de doutorado.

11 O literato Clodoaldo Severo Conrado de Freitas nasceu em Oeiras (PI) no dia 7 de setembro de 1855, filho de Belisário da Silva Conrado de Freitas e de Antônia Rosa Dias de Freitas. Seu pai lutou na Guerra do Paraguai (1864-1870). Fez os primeiros estudos e os de humanidades em São Luís, no Seminário das Mercês e no Liceu Maranhense, concluindo-os no Liceu Piauiense, em Teresina, em 1870. Posteriormente transferiu-se para Recife, vindo a graduar-se pela Faculdade de Direito da capital pernambucana em 1880. Depois de formado retornou ao Piauí, onde foi juiz municipal em Valença do Piauí até 1882. Foi também um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Piauiense de Letras.

12 QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

como propício ao imaginário, ao mágico, ao fantástico, ao lúdico, às imagens do vaqueiro e as boiadas, às festas religiosas e profanas, aos costumes, ditos e escritos, aos sertanejos que enfrentavam as intempéries da natureza e aos cordelistas que capturaram tais sensibilidades.

Desta forma destacamos a criação literária do herói Simplício Dias da Silva, rico comerciante e proprietário de escravos da Vila de São João da Parnaíba, cuja vida tornou-se propósito para diversas divergências interpretativas, sendo glorificado como o responsável pela Independência do Brasil no Piauí, tendo utilizado de recursos pessoais para contratação de mercenários do vizinho estado do Ceará, organizando tropas na cidade de Granja (CE), que culminou com o massacre humano às margens do Rio Jenipapo, na cidade de Campo Maior. As tropas piauienses tiveram maior quantidade de mortos, porém conseguiram apropriar-se da munição dos portugueses, que sem armamento para dar continuidade à batalha, fugiram para o vizinho estado do Maranhão.

Em razão do movimento emancipacionista ter iniciado em Parnaíba no dia 19 de Outubro, a data passou a ser o dia do Estado do Piauí¹³ e a cidade de Parnaíba foi homenageada com o título imperial de “Metrópole das Províncias do Norte”¹⁴, por ter sido a primeira vila a proclamar a Independência, no Norte do Brasil.

No sul, as notícias sobre as lutas do Norte pela Independência chegavam como lendas. Entre elas estava a de uma guerreira baiana – Maria Quitéria, de quem se contavam feitos extraordinários. Vestida com trajes copiados de uma highlander escocês, no dia 20 de agosto de 1923, apresentou-se no Rio de Janeiro, em missão que ela mesma se confiou, de comunicar a Dom Pedro I, a conquista de Salvador. Recebeu do Imperador a medalha de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e decreto que lhe concedia um soldo de alferes de linha, pelo decido valor, dendo, intrepidez, com que Maria Quitéria de Jesus, natural daquela província (Bahia), se alistara nas fileiras do Exército [...]¹⁵

A Simplício Dias da Silva também é atribuído o papel de mecenas da cultura do Piauí do período imperial. Koster, em seu manuscrito Viagem ao Norte do Brasil de 1805 a 1815, escreveu:

Fui introduzido nas casas dos primeiros negociantes e plantadores. O coronel Simplício Dias Governador da Parnahiba, onde possui magnífico solar, é rico e tem caráter independente. Conta entre os seus escravos, uma banda de músicos, os quaes fizeram aprendizado em Lisboa e no Rio

13 Lei Estadual Nº 176 de 30 de agosto de 1937.

14 MAVIGNIER, Diderot. A Maçonaria e a História da Independência no Piauí. Parnaíba: Sieart, 2015, p. 308.

15 MAVIGNIER, 2015, p. 293.

de Janeiro. À homens como o coronel, pode-se attribuir o progresso do paiz.”¹⁶

Por outro lado, o Simplicio Dias da Silva, também conhecido como Simplicão, é representado pelos atos de crueldade com que tratava seus escravos, passando para tradição oral como sendo violento e perverso. Nos relatos capturados pelos primeiros jornais que circulavam na região, o que teria sido o embrião dos Almanques da Parnaíba¹⁷, consta que em seu casarão possuía um fosso repleto de tigres e leões famintos que eram alimentados com carne humana. Naquele fosso eram jogados ladrões, mendigos, pobres, criados revoltados, escravos e até bebês de escravos.

Em linhas gerais entendemos que a produção historiográfica oriunda dessa primeira geração de intelectuais do Piauí era eminentemente preocupada em elaborar discursos educativos, analisar modos e costumes, condutas e valores, erigir uma identidade piauiense, deparando-se em diversos momentos com os embates pelo poder e/ou evidenciando as formas de sobrevivência mais elementares. A escrita em certa medida chegava ao ponto de ser ufanista, com narrativas culturais românticas, a tentativa de criar um herói ou heroína que representasse os valores mais nobres do povo piauiense, a exaltação à coragem, amor à pátria, à liberdade, à justiça etc.

Se na história política do Rio de Janeiro, como tão bem explica o historiador José Murilo de Carvalho, nos livros *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*¹⁸ e *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*¹⁹, houve a preocupação de criar um herói como Tiradentes, José Bonifácio, Benjamin Constant, sendo que ficou na memória nacional, como projeto vencedor, a representação mitificada do Tiradentes, cuja imagem de mártir esquartejado fora eternizada nos lugares de memória lhe assemelharia a Jesus Cristo, no Estado do Piauí foi criada e inserida na memória coletiva a figura da mulher virgem, corajosa, destemida, aquela que vive e morre por amor, que recebera a “missão” de lutar na guerra do Paraguai pelo Piauí. Trata-se de Jovita Alves Feitosa.

Jovita era sertaneja, nascida no povoado Jaicós, que faz fronteira com a cidade de Picos, maior entrocamento do Nordeste brasileiro, constituindo como signo por meio do qual é possível identificar diversas formas de ser mulher, sertaneja, brasileira, mulata, pobre, cidadã, inspiradora de novelas, peças de teatro, romances e causos que se propagaram pela tradição oral no imaginário do sertão.

A representação criada a Jovita Feitosa seria semelhante a virgem Maria, mãe de Jesus, pelos motivos de que tanto no Rio de Janeiro, como no Piauí, a religião cristã

16 KOSTER, Henry. Viagem ao Norte do Brasil de 1805 a 1815. [manuscrito], 1815, p. 53.

17 Os almanques da Parnaíba constituem-se como a principal fonte de pesquisa do Piauí, no final do Império e começo da República, com vasta documentação sobre diversos temas, com publicações periódicas. O primeiro editor foi Benedito dos Santos Lima (Bembém), sendo sucedido por Ranulpho Torres Raposo. Sua periodicidade predominou de 1920 a 1980.

18 CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

19 CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ocupava e ocupa no imaginário coletivo e na espiritualidade praticada, um sentido de pertença, de vinculação ao transcendental, ao escatológico, ao imanente presentificado. Nesse sentido, a representação de Jovita seria daquela que conceberia um projeto de libertação, uma guerreira que iria liderar os soldados para lutar pela liberdade, pela vitória, por um “rei paternal”, representada também pela figura do Imperador D. Pedro II. Sobre esse aspecto, explica José Murilo de Carvalho:

O processo de “heroificação” inclui necessariamente a transmutação da figura real, a fim de torna-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas. Há tentativas de construção de heróis que falham pela incapacidade da figura real de permitir tal transformação.²⁰

A atuação da mulher, como aquela que gera vida e gera memórias é evidenciado pelos intelectuais. As mulheres serão representadas pelos literatos com grande destaque. Da mesma forma, serão as mulheres que atuarão com consolidação de uma memória coletiva, seja pela oralidade, pela escrita feminina, bem desenvolvida nas primeiras décadas do século XX, seja processo de educação, que passava pela prática da feminização, especialmente com a criação das escolas normais e pela atuação nos palcos, como atrizes, cantoras, dançarinas etc.

Com especial destaque, citamos o caso da Construção do Teatro 4 de Setembro, conforme narrado por Higino Cunha:

Em idos de 4 de setembro de 1889, um grupo formado por mulheres amantes da alta cultura, pertencentes à elite social teresinense caminharam à sede do governo para pedir ao então presidente da província, Teófilo Fernandes dos Santos, a construção de um novo teatro, reclame que foi prontamente atendido.²¹

A narrativa utiliza como elemento valorativo o protagonismo das mulheres pertencentes à elite local, a marcha representativa do poder simbólico, o anseio pela construção do Teatro, da data da marcha (4 de Setembro), que posteriormente deu nome ao Teatro, entretanto não problematizou os jogos de poder, atuação dos esposos que também se articularam politicamente, sem minorar obviamente a contribuição das mulheres.

Trata-se da edição da narrativa, da criação de uma memória a ser visitada e revistada em cada discurso, em cada rememoração, nas lápides, da frente do teatro, nas atas de fundação, nos documentos oficiais, nas aulas de história do teatro, repetidas

20 CARVALHO, 1990, p. 14.

21 CUNHA, Higino. Discursos. Fundação Monsenhor Chaves, 1992, p. 53.

constantemente pelos velhos e jovens professores.

O evento passou para a memória coletiva como marco comemorativo, sendo lembrando continuamente em discursos, palestras, poesias, pinturas, manchetes de jornais, de modo particular, pelos artistas, sejam eles, atores, diretores, cenotécnicos e figurinistas.

Todas essas formas de discursos, sejam eles verbais ou não verbais contribuem para instaurar um regime de verdade e, dessa forma, a memória se cristaliza nos objetos e construções, absorve experiências e perpetua práticas, cria um etos de pertencimento e valorização, que dinamicamente forma identidades culturais.

Outro destaque foi o processo de heroificação de Jovita Alves Feitosa, que foi tema de uma peça de teatro de Renato Castelo Branco, montada na capital e no interior do Estado do Piauí, para ajudar vítimas da seca do vizinho estado do Ceará. Segundo Odilon Nunes:

Aos 17 anos de idade, Jovita Feitosa, tomou uma decisão corajosa: cortou os cabelos, disfarçou os seios com bandagens, colocou um chapéu de vaqueiro e roupas masculinas para se alistar como voluntária do exército brasileiro na Guerra do Paraguai.

Escondida da família e vestida como um homem, chegou a Teresina e foi aceita como primeiro sargento no Corpo dos Voluntários. O presidente da província do Piauí, Franklin Dória se comoveu com o pedido da jovem para alistar-se junto aos 1.302 piauienses que foram enviados para lutar na Guerra.

Não conseguiu disfarçar suas feições femininas por muito tempo. Mesmo assim, de saiate e blusa militar, seguiu viagem passando por vários estados até desembarcar no Rio de Janeiro, em 09 de setembro de 1865. O gesto de Jovita teve grande repercussão nacional e foi alvo de manifestações populares. Foi ovacionada como heroína por onde passou.

Seu gesto de patriotismo foi reconhecido por todo o País, pois Jovita, exercendo a função militar, junto com os soldados, causava entusiasmo e era aplaudida e respeitada em todos os lugares por onde passava.

Chegando ao Rio de Janeiro, a presença da jovem guerreira, que compunha a tropa dos Voluntários da Pátria, foi anunciada por todos os jornais e aclamada pelo povo, que a recebeu como heroína.

Entretanto, essa bela trajetória de bravura e destemor patrióticos encerrou-se após a decisão do Ministro da Guerra – o Visconde de Cairu –, que negou permissão a Jovita para atuar na frente de batalha, permitindo-lhe apenas o direito de agregar-se ao Corpo de Mulheres, no qual, segundo a decisão, prestaria serviços compatíveis com a natureza feminina.²²

22 NUNES, Odilon. Pesquisas para história do Piauí. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

Os intelectuais da primeira geração de historiadores piauienses, entenderam que fazia-se necessário constituir uma narrativa de uma heroína que fosse exemplo de coragem, determinação, de pureza, de um fim trágico e glorioso, eivado do mais sublime sentimento do amor romântico, do desejo sincero de servir à Pátria e a nova forma de governo que se propunha aos ideais republicanos, como espelho no qual os piauienses deveriam se refletir e buscar vinculação identitária.

Em outra versão da mesma narrativa, a heroína do sertão foi utilizada como instrumento de cooptação, recrutamento, exploração política, dispositivo de manipulação a serviço dos interesses econômicos e belicosos, e após ser abandonada pela família e pelo amado, o engenheiro inglês, Guilherme Noot, sentiu-se em situação de desespero e, como resultado de seu estado de afetividade dilacerada, aos 19 anos de idade, em 1867, cometeu suicídio com uma punhalada no coração.

A “inocência” de Jovita, a ausência de expertise para as guerras do coração, a “traição inglesa”, a moral imposta à mulher como casadeira, dona de casa, mãe, fizeram com que cometesse suicídio. Tal problemática atravessa os séculos e, em pleno século XXI, ainda é um dos principais motivos para a lesão autoprovocada no Estado do Piauí, com os mesmos históricos de causas.

O drama pessoal de Jovita ou sua brevíssima vida importou bem menos que a campanha de recrutamento para a Guerra do Paraguai feita pelo Governo brasileiro. Jovita, a heroína do sertão, não chegou a lutar, nem pegar em armas, nunca disparou um tiro, nem mesmo pode vestir a farda de guerra, exceto para retratação em fotografias e pinturas tão louvadas no imaginário do Império. O que foi permitido que ela vestisse foi apenas um saiote como combinação de farda. Como explicado por José Murilo de Carvalho:

O mito estabelece a verdade da solução vencedora contra as forças do passado ou da oposição. Se não são abertamente distorcidos, os fatos adquirirão, na versão mitificada, dimensões apropriadas à transmissão da ideia de desejabilidade e de superioridade da nova situação. As mesmas distorções sofrerão as personagens envolvidas.²³

O mito da heroína que saiu do interior do Piauí e foi lutar na Guerra do Paraguai passou para a memória coletiva pelos intelectuais, especialmente para o escritor e dramaturgo Renato Castelo Branco, por meio de diversas linguagens. No caso específico do teatro, foram montadas nas primeiras décadas do século XX diversas peças teatrais na capital do Estado, Teresina e nas cidades do interior, com o propósito filantrópico de ajudar vítimas das secas que castigavam os estados do Piauí e Ceará.

23 CARVALHO, 1990, p. 14.

O que justifica ao historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida. Ora, um tal gênero de apreciação resulta de que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existem, ou mesmo que existiram, para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma importância, uma vez que não foram por eles afetadas da mesma maneira.²⁴

Na elaboração de uma memória coletiva no Estado do Piauí, especialmente nas cidades nas quais o litoral e portos possuem uma função de escoamento de produção, fomentando o comércio marítimo, mas experimentando outras práticas como a prostituição era comum a lenda do Crispim, o *cabeça de cuia*.

A história do *cabeça de cuia* passou pela memória coletiva por uma série de práticas, como a música, o teatro, as pinturas, as danças regionais, etc, representando o mito fundador do Piauí. Crispim era um pescador que vivia da pesca nas águas do rio Parnaíba e habitava as suas margens, nas imediações em que o rio recebe as águas do Poti, zona norte de Teresina. Morava com a mãe, já velha e adoentada. Certa vez, depois de passar um dia inteiro sem nada conseguir pescar, Crispim volta para casa cheio de cólera e frustração e revolta. Pede à mãe alguma coisa para comer, e esta lhe serve o que tinha: uma rala sopa de osso. Irritado, Crispim grita que aquilo é comida para cachorro, e em seguida pega o osso e parte para cima da mãe, atingindo-a várias vezes. Desesperado, o pescador sai correndo porta afora e joga-se nas águas do rio, enquanto a mãe, agonizando, lança-lhe uma maldição: haverá de se transformar em um terrível monstro, que só descansará quando lhe forem sacrificadas sete virgens chamadas Maria.

A lenda foi musicada em diferentes momentos históricos. Reflete o drama social do pescador, as questões familiares e os valores sociais. Na versão de Teófilo Lima é possível abstrair diversas interpretações.

Cabeça de Cuia

Ehhhhhhhhhhhhhh! Cabeça de Cuia!!! Vê se tem cuidado cum essa cara do Diabo Num tire água cum tuas "caba"!

Não se esqueça, não se esqueça de rezar!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Vá pescar!Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Mas não se esqueça de rezar!

24 HALBWACHS, 2006, p. 89-90.

Ehhhhhhhhhhhhhhhh! Cabeça de Cuia!!! Ora mas que diabo! Tucum cara do Diabo, Num tem carne, num tem peixe,

Tem ossada pra almoçar!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Olhe não vá se malcriar!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! É sua mãe, num vá rapá!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! É sua mãe, num vá rapá!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! A praga vai rolar!

Ehhhhhhhhhhhhhhhh! Cabeça de Cuia!!! Ora mas que diabo! Tucum cara do Diabo,

Rio a baixo, rio a riba, 7 Marias cê tem que encontrar! Mas vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Deixe menina namorar!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Deixe Maria namorar, rapá!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Deixe, o moço quer pescar!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Seu Raimundo quer pescar!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Seu Lope quer pescar!

Vê se tem cuidado, vê se tem cuidado cabeça de cuia! Tipó quer pescar!

A função pedagógica do mito²⁵ era afastar as mulheres, em grande medida batizadas com o nome de Maria, em homenagem a mãe de Jesus, da região do cais, onde havia nas diversas cidades do Piauí a zona de prostituição. Também havia a preocupação em evitar as práticas de violência entre os mais pobres, que resultaria em maldições ou pragas de mães.

Essa representação cultural foi densamente analisada na tese do professor Alcebíades da Costa Filho, intitulada: A GESTAÇÃO DE CRISPIM: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade, defendida na Universidade Federal Fluminense.

A segunda geração fora constituída pelos piauienses Manoel Paulo Nunes, Benedito dos Santos Lima, José Camilo da Silveira Filho, Raimundo Nonato Monteiro

25 O Mito possui uma função pedagógica, educativa que promover um processo de aprendizagem de como deve ser a vida em sociedade, a partir de crenças no imaginário, do misterioso, no desconhecido que passa a ser apropriado culturalmente e em quais quer circunstâncias. A função do mito, portanto, é ensinar a pessoa humana a agir melhor, com coerência e virtude.

de Santana, Odilon Nunes e Monsenhor Joaquim Chaves, buscando construir uma memória que valorizasse os principais eventos históricos ocorridos no Piauí, com características peculiares, geralmente enaltecendo os principais personagens locais, de forma elogiosa e ufanista.

Essa geração passará para a segunda metade do século com franca produção intelectual, atuando em frentes atuantes na cultura piauiense, na criação de instituições que, além de planejar estratégias de desenvolvimento cultural, executou-as, avaliou seu desempenho, ampliou seu espectro de alcance e incentivou a criação de outras experiências que comungaram com o anseio de constituição da piauiensidade. Essa geração escrevia sobre praticamente tudo sobre o Piauí, reunindo vasta documentação, militando para construção pelas autoridades locais de museus e arquivos públicos e privados.

Dessa maneira, para dar concretude ao projeto dos intelectuais foram criadas diversas instituições culturais, como a Academia Mafrensiana de Letras (AML), o Centro de Estudos Piauienses (CEP), A sociedade de jornalistas do Piauí (em PHB), o Movimento de Renovação Cultural (MRC) e o Círculo Literário Piauiense (CLIP), a Faculdade de Filosofia do Piauí - FAFI. A Academia Piauiense de Letras – APL já existia e também reunia diversos intelectuais que comungavam do mesmo objetivo, reverberando na produção de narrativas culturais sobre o Estado.

As Instituições Culturais foram analisadas pela historiadora Iara Guerra na Dissertação de Mestrado intitulada: *Historiografia Piauiense: relações entre a escrita histórica e Instituições Político-culturais*. A autora foi premiada pela Fundação Monsenhor Chaves e teve a dissertação publicada em forma de livro. Nele a pesquisadora explica como esses espaços de saber e de produção da cultura letrada, se constituíram como lugares de memória, na acepção atribuída por Pierre Nora como sendo antes de tudo, “lugar dos restos, a forma extrema, onde subsiste uma configuração comemorativa de uma história que a chama, porque ela a ignora”²⁶¹³, Neste contexto a Academia Piauiense de Letras (APL), a Faculdade de Direito (FADI), e a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), transformaram-se nos centros de idealização, propagação e edição da memória coletiva, locais nos quais muitos desses intelectuais aperfeiçoaram o seu ofício na produção de narrativas culturais. Sobre a Faculdade de direito e a FAFI, ressalta-se que os esses intelectuais atuaram intensamente como docentes, como Raimundo Monteiro de Santana que foi titular da cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito e de História Econômica da FAFI, Manoel Paulo Nunes, José Camilo da Silveira Filho, Raimundo José Reis e Wilson Brandão, que formaram no curso de Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito, sendo que o último, além de professor, também foi diretor da

26 NORA, Pierre, 1993, p. 12.

Instituição.

As Instituições que, posteriormente se tornaram o embrião da Universidade Federal do Piauí além de lugares de memória, também foram palco de uma rica e profícua produção de narrativas. Inclusive da produção da própria memória, pois diversos intelectuais também escreveram sobre si próprios, editando sua própria memória, num esforço de cartografar suas experiências, configurando suas biografias.

Outros locais onde esta intelectualidade também se reunia, considerados como os lugares de memória e da produção da cultura letrada, como espaços de sociabilidades importantes em Teresina, nos quais se discutia de maneira mais informal sobre a política, economia e cultura do Estado foram o *Bar Carvalho* e o *Café Avenida*, ambos localizados nos arredores da Praça Rio Branco. Sobre esses espaços que oportunizaram inúmeros debates intelectuais e diversos insights, Raimundo Nonato Monteiro de Santana informou que:

Quando vim a Teresina, e me disseram – Santana, você vai ao Bar Carvalho, na Praça Rio Branco; lá se reúnem a intelectualidade, se discutem problemas. E eu fui. Ao chegar, encontrei o professor Martins Napoleão (foi quando o vi pela primeira vez), o professor Clementino Fortes, o Celso Barros (recém saído do seminário, acho, e já ingressando no magistério, no Ateneu), Professor Paulo Nunes, Camilo Filho [...]. Pois bem, simpatizei com todos. [...].²⁷

Na mesma época, Raimundo Santana começou a atuar na vida artística e cultural do Estado, criando juntamente com o Monsenhor Chaves, Dom Avelar Brandão Vilela, Padre Cláudio Melo o CEP – Centro de Estudos Piauienses, convidando intelectuais de Teresina para pronunciar conferências no interior do Estado do Piauí, “realizando dessa forma, intercâmbio entre a capital e as demais cidades do Estado”, segundo o Professor Santana.

O CEP idealizado por Raimundo Santana, fundador e presidente daquela Instituição, e por Olímpio de Castro foi constituído por diversos intelectuais, dentre eles, Pe. Joaquim Chaves e Odilon Nunes, que representavam a instituição cultural em Teresina, que à época já era capital do Estado.

O CEP, segundo o Professor Santana “era uma instituição cultural que tinha o objetivo de pesquisar e escrever sobre assuntos piauienses, de modo a revelar o que ainda era inédito do seu passado, ou aprofundar assuntos que já se conhecia”. De acordo com Fernando Lopes e Silva Sobrinho, o CEP procurava contribuir com o desenvolvimento econômico e cultural do Piauí, através de:

27 GUERRA, Iara. *Historiografia Piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015, p. 86.

Um programa em que se procurava, não apenas imprimir-lhe um cunho de sadio municipalista, mas também com espírito de objetividade, contribuir para a integração do Piauí, na realidade contemporânea brasileira, como aspecto de identidade, pelo estudo dos seus problemas vitais, de suas características, de suas necessidades sociais e econômicas, ao mesmo tempo em que trabalhando ao lado das demais entidades culturais do nosso estado, pela nossa reabilitação no seio da civilização brasileira: despertando entusiasmo, fé e coragem entre os estudiosos da nossa terra e da nossa gente, tão necessitadas, como nunca, de uma melhor e mais objetiva compreensão daqueles piauienses que têm o dever de jamais descurarem do nosso futuro, do futuro do Piauí, cujo presente, bem como sabemos e bem sentimos, não é de rosas, mas de suor e lágrimas.²⁸

Através da análise das obras publicadas, percebemos a preocupação dos criadores do CEP, em narrar as origens da História do Piauí, os mitos fundadores, isto é, como se desenvolveu o processo de colonização piauiense, para onde foram os primeiros habitantes da Capitania, as características sociais, econômicas e culturais das primeiras vilas, e de seus habitantes, bem como as personalidades ilustres que ajudaram a desenvolver o território, tentando assim, conhecer e entender o passado, aquilo que ajuda a construir o que chamamos de identidade e/ou piauiensidade. Sobre a necessidade dos escritores criarem sentimentos de pertencimento, prática que por sua vez se reflete na produção de obras históricas, Pierre Nora indagou:

Como não ver, nesse gosto pelo cotidiano do passado, o único meio de nos restituir a lentidão dos dias e o sabor das coisas? [...] como não ler nessas bulas do passado que nos fortalecem tantos estudos de micro história, a vontade de igualar a história que reconstruímos à História que vivemos? Memória-espelho, dir-se-ia, se os espelhos não refletissem a própria imagem, quando não ao contrário, é a diferença que procuramos aí descobrir, e no espetáculo dessa diferença, o brilhar repentino de uma identidade impossível de ser encontrada. Não mais uma gênese, mas o deciframento do que somos à luz do que não somos mais²⁹

Eram editados pelo CEP centenas de obras, vendidas a preços módicos para o pagamento dos trabalhos de editoração. As obras eram de pequeno formato, pois a maioria delas era proveniente de palestras e conferências, ministradas por alguns dos mais importantes intelectuais piauienses no interior do Estado, percorrendo-o de norte a sul. Assim, além de incentivador cultural, Raimundo Santana, também desempenhava as funções de editor, ao coordenar diversos trabalhos como: conseguir

28 GUERRA, 1995, p. 87.

29 NORA, 1993, p. 20.

recursos financeiros, encarregar um editor de transformar as palestras em livros, e planejar as estratégias comerciais e de distribuição.

Ao contrário da produção historiográfica no país, o livro de Joaquim Chaves antecipa já na década de 1940, um tipo de abordagem que viria a ter destaque, sobretudo, na década de 1980, ao enfatizar as minorias e os marginalizados, como os índios do Piauí. O fato de ter vivido uma rotina diária ligada à Igreja, ao povo que vinha pedir ajuda espiritual e financeira, levou-o a ter um comportamento e uma preocupação diferente da maioria dos intelectuais, o que se refletiu em diferentes formas da sua escrita de “amador da história do Piauí”, Daí ela ser tão direcionada ao povo, estando assim, em constante interlocução com o leitor. Segundo a historiadora Teresinha Queiroz:

A leitura propicia prazer, em virtude de estar dirigida para o outro e de ter o cuidado de manter vivo o seu interesse. A narrativa é perfeitamente acessível a um público não necessariamente iniciado na cultura historiográfica e agrega o cuidado de cativar o leitor, seduzindo-o inclusive a compartilhar de suas às vezes mordazes e irreverentes opiniões e observações³⁰

Este autor não se interessava em exaltar os efeitos heroicos dos brancos colonizadores mas em destacar o posicionamento do vencido, isto é, do índio, abordando os conflitos de interesse e das lutas entre colonizadores e colonizados, a violência de suas relações, e a utilização do trabalho escravo na busca de metais preciosos, nos serviços agrícolas e na atividade pecuária, além da análise do imaginário, refletido nas diversas imagens sobre Simplício Dias da Silva, um dos líderes políticos da independência do Brasil no Piauí, cujas lendas e histórias se entrecruzam.

Dessa forma, destaca uma história de dor e sofrimento da população indígena, denunciando as ações de crueldade cometidas pelas autoridades locais, a exemplo do primeiro governador da província do Piauí, João Pereira Caldas e do tenente coronel João do Rêgo Castelo Branco, considerados por Joaquim Chaves, os vilões da História. Como podemos perceber, sua obra possui um forte sentido social, de denúncia das atrocidades que foram realizadas, chacinas, massacres e quase extinção completa da população nativa. De acordo com Joaquim Chaves os índios foram:

As pobres vítimas de um choque de culturas, Amando em extremo a sua liberdade, regiram violentamente quando perceberam a intenção do branco de escravizá-los. Para desagregar aquilo que supunham ser a sua honra ofendida pelo injusto agressor, agrediram e cometeram inúmeras atrocidades, porventura, teriam sido maiores e mais requintadas do que

30 QUEIROZ, Teresinha. In: CHAVES, Monsenhor. Obras. Completas. [Prefácio], 2016, p. 19.

as que sofreram por parte do seu contendor, o “branco civilizado”! A história diz que não. Sem terem uma noção de direito de propriedade, tal como a entendiam os brancos, matavam para comer algumas reses que apanhavam no mato. Por isso, eram caçados como ladrões e esperavam os quais não havia cadeia, porque havia coisa muito mais prática e sumária: o espinhar de lamento, pura e simplesmente.³¹

Sobre os indígenas, o padre/historiador Joaquim Chaves, ainda traçou suas principais características, quais tribos existiam no território piauiense, bem como sua localização, através de documentos do período da conquista, além de explorar sujeitos sociais de pouca visibilidade histórica, o índio no solo piauiense, apresenta um tom polêmico, pois seu autor discorda dos argumentos do historiador pernambucano Barbosa Lima Sobrinho, de que o bandeirante Domingos Afonso Mafrense foi o pioneiro no povoamento do solo piauiense, defendendo por outro lado, de maneira bastante enfática, a tese de que o primeiro homem branco a ocupar o território do Piauí, com vistas à colonização, foi o sertanista Domingos Jorge Velho, que viveu na região entre 24 e 25 anos aproximadamente. Porém, apesar das discussões, o autor não se utiliza do artifício de reduzir a atuação do bandeirante Domingos Afonso Mafrense na colonização e no povoamento do Piauí.

Além de estimular a realização de palestras pelo interior do Piauí, publicando-se posteriormente, o CEP incentivava o aparecimento de estudos referentes aos assuntos piauienses, com o intuito de procurar solucioná-los. Era um trabalho coletivo, que implicava na participação de alguns intelectuais piauienses nas conferências, na produção de textos, na editoração, divulgação e no consumo das obras publicadas.

Buscando contribuir com estudos sobre os problemas básicos do Piauí, particularmente, sobre a economia, sociedade e cultura, o CEP apoiou o surgimento de trabalhos históricos importantes, proporcionando a Ascensão de uma nova era de desenvolvimento cultural no Piauí.

Porém mesmo não sobrevivendo durante a década de 1960, por força da perseguição, prisões e medo, produzidos pelo Regime Militar que também atingiu os intelectuais do Piauí, conseguiu diminuir as distâncias e a falta de conhecimento entre os municípios piauienses, integrando-os num objetivo de estudo mais amplo, que era a História do Piauí, contribuindo desta forma, para um maior interesse dos intelectuais locais no que se refere à sua identidade e memória histórica, e para publicação de conferências e livros.

Dessa forma, consideramos que as atividades realizadas pelo CEP, como engajamento dos intelectuais piauienses na execução de conferências, obras e projetos culturais, contribuiriam para aprofundar o conhecimento sobre a história do Piauí, bem

31 CHAVES, Monsenhor. Obras Completas. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995, p. 138.

como, das causas do empecilho ao desenrolamento do estado, no intuito de solucioná-las.

As narrativas culturais feitas sobre a história do Piauí e as Instituições culturais que propiciaram sua elaboração e circulação contribuíram para criação de uma memória coletiva. Nesse sentido, destacam-se o Centro de Estudos Piauienses, as Academias, as Faculdades e os jornais que paulatinamente se tornaram grandes empresas das comunicações.

Recebido em 28 de março de 2018.

Aprovado em 19 de junho de 2018.